



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 2316-5278

[doi](https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e66222) <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e66222>

L'imagination e figuração (depiction): Paul Ricœur às voltas da imaginação

L'imagination and depiction: Paul Ricœur on imagination

Vinicius Oliveira
Sanfelice*

vi.fast@hotmail.com

Resumo: A publicação simultânea do livro de Paul Ricœur, *Lectures on imagination* (2024) e *L'imagination* (2024), sua tradução para o francês, é um evento relevante para a investigação filosófica do tema da imaginação. O objetivo deste artigo é apresentar os interesses de Ricœur pelo tema da imaginação em *L'imagination*; analisar pontos centrais do livro e entender a trajetória do texto de Ricœur usando também como referência a introdução da edição americana e do artigo da edição francesa; mostrar a relevância de *L'imagination* para a concepção de imaginação que Ricœur propôs nos anos 1970.

Palavras-chave: Ficção. Hermenêutica. Imagem produtiva. Ricœur.

Abstract: *The simultaneous publication of Paul Ricœur's book, Lectures on Imagination (2024), and its French translation, L'imagination (2024), is a significant event in the philosophical investigation of the theme of imagination. The aim of this paper is to present Ricœur's interests in the theme of imagination in L'imagination; analyze key points of the book and understand the trajectory of Ricœur's text using also as reference the introduction of the American edition and the article from the French edition; present the relevance of L'imagination to the conception of imagination that Ricœur proposed in the 1970s.*

Keywords: Fiction. Hermeneutics. Productive imagination. Ricœur.

Recebido em: 10/04/2024.

Aprovado em: 15/05/2024.

Publicado em: 11/06/2024.

1 Introdução¹

A tão aguardada publicação de *Lectures on imagination* (2024)² e de sua tradução para o francês, *L'imagination* (2024), oferece uma análise crítica de abordagens da imaginação na história da filosofia. Esse curso sobre imaginação realizado por Paul Ricœur é um capítulo dessa história. As lições do curso foram proferidas na Universidade de Chicago durante o outono de 1975 e fazem par com as lições sobre o imaginário social, já publicadas em *Lectures on ideology and utopia* (1986). *Lectures on imagination/L'imagination* tem como foco a imaginação poética e a imaginação epistemológica.³



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade Federal de São Paulo.

1 Este trabalho é resultado da pesquisa de pós-doutorado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – processo n. 2022/02447-1.

2 Fiz uma análise prévia do texto graças ao estágio de pesquisa na EHESS que realizei sob a supervisão de Johann Michel (2018-2019). O acesso ao texto, intermediado por ele, me foi concedido por George H. Taylor (um dos coeditores do livro junto com Jean-Luc Amalric). Agradeço a J. Michel e a G. H. Taylor pela oportunidade de ler o texto. A Jean-Luc Amalric sou especialmente grato pelas discussões durante o meu doutorado. Ali discuti temas que podem aparecer neste artigo. Não vou aprofundá-los, o meu objetivo aqui é apenas analisar o livro, não refazer uma interpretação particular das lições.

3 Os dois cursos ocorreram em 1975. Cf.: "Ricœur proferiu os dois conjuntos de lições durante o mesmo período acadêmico, e seu objetivo era desenvolver uma teoria da imaginação produtiva que

Este artigo estrutura-se da seguinte maneira: considero tanto o texto original do curso, em inglês, com introdução e notas de George H. Taylor (coeditor de *Lectures on imagination*) quanto a tradução e os comentários de Jean-Luc Amalric (tradutor e coeditor). A introdução aborda os aspectos filosóficos do curso de Chicago e os modos de aprofundar essa investigação sobre imaginação a partir de textos de Ricœur prévios e posteriores aos cursos de Chicago; e também entre os cursos e os textos de Taylor sobre o tema. A introdução é uma parte essencial da publicação. A edição francesa, por sua vez, inclui um texto, até então inédito em francês, da participação de Ricœur em um seminário sobre imaginação,⁴ além de um curto prefácio, o que é compreensível pois já inclui a introdução da edição americana (*L'œuvre et son argument*). A edição francesa inclui ainda o texto de Amalric, “*Vers une théorie générale de l'imagination*”, que mostra toda a pertinência filosófica da investigação de Ricœur sobre a imaginação. *Lectures on imagination* é, segundo Amalric, a sua “peça principal”.

Na primeira parte deste artigo, apresento de forma resumida os interesses de Ricœur pelo tema da imaginação tendo como foco a lição introdutória de *Lectures on imagination* (de agora em diante, *Lectures*; ainda na primeira parte, apresento o vocabulário das lições e noções centrais do livro. Na segunda parte, uso a introdução da edição americana e o artigo da edição francesa como guias para este artigo. O objetivo desta parte não é resumir tais textos. Mais que materiais de apoio, eles são necessários para entender a trajetória do texto do curso e de uma investigação que acompanha toda a obra de Ricœur. Na última parte, comento o que seria, a meu ver, a relevância de *Lectures* para a concepção de imaginação que Ricœur propôs nos anos 1970. E concluo brevemente defendendo a grande contribuição de *Lectures* aos estudos de sua filosofia. Duas informações: a numeração das páginas citadas aqui segue a numeração da edição francesa; sou responsável pela tradução dos trechos citados.

2 Problemas da história da filosofia: nenhuma filosofia da imaginação?

Anos atrás o *Fonds Ricœur*, que preserva os arquivos de Ricœur e sua biblioteca pessoal, exibiu a foto de um rascunho com esquemas para os fenômenos da imaginação que ele aborda em *Lectures*: “rastros”, *picture*, alucinação, ficção, fascinação e distância crítica. O rascunho (*Fonds Ricœur*, doc. 30595) agora encontra a sua versão legível pelas mãos dos editores do livro. As possibilidades do tema da imaginação reconhecidas por Ricœur são organizadas em quadrantes com a liberdade de relacioná-los conforme o foco seja esse ou aquele fenômeno, ou ainda, suas diferenças; por exemplo, entre sonho e ficção ou entre utopia e fuga da realidade. É importante ter em mente essa liberdade de análise e não se fixar em esquemas rígidos, um alerta que consta na lição introdutória (Ricœur, 2024, p. 33).

Ricœur enumera, já nessa lição, dificuldades que explicariam por que, segundo ele, não havia nada que pudesse ser chamado de “filosofia da imaginação” (Ricœur, 2024, p. 19).⁵ Essa afirmação precede a de que há um “eclipse” que afeta a bibliografia e a investigação atual sobre o tema (nos anos 1970). As razões elencadas para explicar esse “eclipse”, resumidamente, são estas: no contexto da epistemologia moderna uma tradição filosófica de viés empirista que considera a imagem como “rastros” ou vestígio da percepção; no contexto da psicologia moderna o “eclipse” em relação à imagem ocorreria em razão do viés behaviorista dessa psicologia; por último, no contexto dos estudos sobre a criatividade, segundo

abrangesse a imaginação social e cultural (*Lectures on Ideology and Utopia*) e os aspectos epistemológicos e poéticos da imaginação (*Lectures on Imagination*). [...] Os dois conjuntos de lições foram concebidos juntos e compreendem as principais reflexões de Ricœur sobre uma filosofia da imaginação” (Taylor, 2015, p. 14).

4 “*Séminaire de la rue Parmentier (1973-1974)*”. O texto era inédito em francês, mas foi publicado em italiano por Rita Messori na revista *Aesthetica Print* (n. 66). Traduzi o texto para o português com o auxílio do Prof. Marcelo Fabri. Fui autorizado pelo editor da revista italiana. Cf.: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6426/5959>

5 Essa afirmação, fosse feita hoje, não se sustentaria diante dos inúmeros trabalhos das últimas décadas em uma variedade de tópicos relacionados à imaginação. Nem se sustentaria diante dos trabalhos sobre a relevância do tema para a filosofia de Ricœur. Nesse sentido, a extensa e útil nota 2 da introdução de *Lectures* compila diversos trabalhos dedicados à concepção de imaginação de Ricœur. A nota 3 inclui ainda diversos trabalhos dedicados à mostrar a centralidade dessa concepção na obra de Ricœur.

Ricœur, há uma investigação precária sobre o tema que faz uso impróprio e não filosófico da noção de imagem. Ele conclui sobre as razões acima elencadas: “Portanto, estimou-se que o problema da imaginação não era um problema *filosófico* no sentido estrito do termo, seja porque era muito psicológico e não epistemológico, seja porque era muito popular” (Ricœur, 2024, p. 21-22).

Reconhecer que a imaginação tem sido tratada de uma perspectiva que privilegia os seus aspectos reprodutivos é o início da estratégia para enfrentar essas dificuldades. O diagnóstico é recorrente na avaliação de Ricœur de abordagens da imaginação e precede sua análise histórico-crítica: uma parte de *Lectures* aborda a tradição filosófica clássica e moderna – cinco lições: Aristóteles, B. Spinoza e B. Pascal, D. Hume, I. Kant (2); outra parte aborda a tradição analítica – três lições: G. Ryle, H. H. Price, L. Wittgenstein; e a tradição fenomenológica – cinco lições: E. Husserl (2), J-P. Sartre (3). As últimas cinco lições formam a proposta original de Ricœur, isto é, a sua busca por uma teoria da imaginação produtiva.

A estratégia também envolve delimitar o problema da imaginação e mapear seu “espaço de variação”. Segundo Ricœur, a variedade semântica em torno do termo “imagem”⁶ indica um conjunto de problemas “desconectados”. Vejamos os grupos de imagens que compõem o seu esquema de trabalho, a sua “cartografia”. Essa organização dos usos do termo “imagem” serve de tipologia para a compreensão do livro; ela inicia pelos usos do termo na linguagem comum: a) *picture* (*tableau*) é a “imagem *de*” algo, com suporte físico e que vale por um objeto ausente “*re-presentado*”. São exemplos as pinturas, desenhos, diagramas etc. A ideia é de algo que está no lugar de algo (*as standing for/tient lieu de*). Um aspecto relevante da *picture* é a sua função de fazer presente algo ausente – a fotografia é o exemplo em destaque; b) imagem mental sem suporte físico: a “evocação arbitrária de coisas ausentes”, ter a imagem de algo na mente, por exemplo, a lembrança de um evento. O aspecto relevante dessa noção de imagem é a ausência do objeto e a possibilidade arbitrária de evocá-lo; c) ficção como evocação de coisas inexistentes, por exemplo, a literatura. Cito Ricœur: “Temos de lidar com não-seres que têm a propriedade ontológica de não existir e, no entanto, de serem objetos. A ideia de um objeto que ao mesmo tempo é um nada é um ente muito peculiar”.⁷ A principal característica da ficção seria o contraste com o real: não há crença (*belief*) na coisa evocada. O exemplo em destaque é o ato de ler, no qual se manteria o real e o irreal em contraste. Vale mencionar a referência de Ricœur ao sonho indicando a vagueza da definição desse grupo: o sonho faria parte do grupo da ficção, porém, ao contrário do “mundo ficcional” da leitura, no ato de sonhar não haveria o contraste com a realidade; esse caráter de crença não-crítica remeteria o sonho ao quarto grupo. Ele afirma que essa vagueza deve nos fazer suspeitar “[...] da ideia de que estamos lidando com um único domínio no estudo das imagens”;⁸ d) ilusões sem ou com patologia, este é o caso da alucinação; as ilusões pertencem à categoria do falso e trazem a crença (*deceptive belief*) na realidade da imagem; não haveria possibilidade de contrastar o real e o irreal. O que caracteriza o grupo da ilusão é termos a imagem “como se” (*as if/comme si*) estivesse presente. O “como se”, afirma Ricœur, é o núcleo central desse grupo.

A identificação desses grupos de imagem anuncia uma grande contribuição de *Lectures* para a investigação da imaginação. Ricœur constrói um “mapa”, a “cartografia” proposta para pensar os grupos a partir de dois eixos coordenados. É o que mencionei no início deste artigo, o “mapa” que torna legível o rascunho dos quadrantes e já sugere a interação entre os fenômenos da imaginação. Ele é organizado assim: o 1) eixo horizontal vai da presença à ausência e conduz da parte mais reprodutiva da imaginação à mais produtiva; seria o polo do objeto/noemático; o 2) eixo vertical vai da crença ou fascinação à não-crença ou distância crítica; seria o polo do sujeito/noético. Segundo Ricœur, na parte esquerda inferior

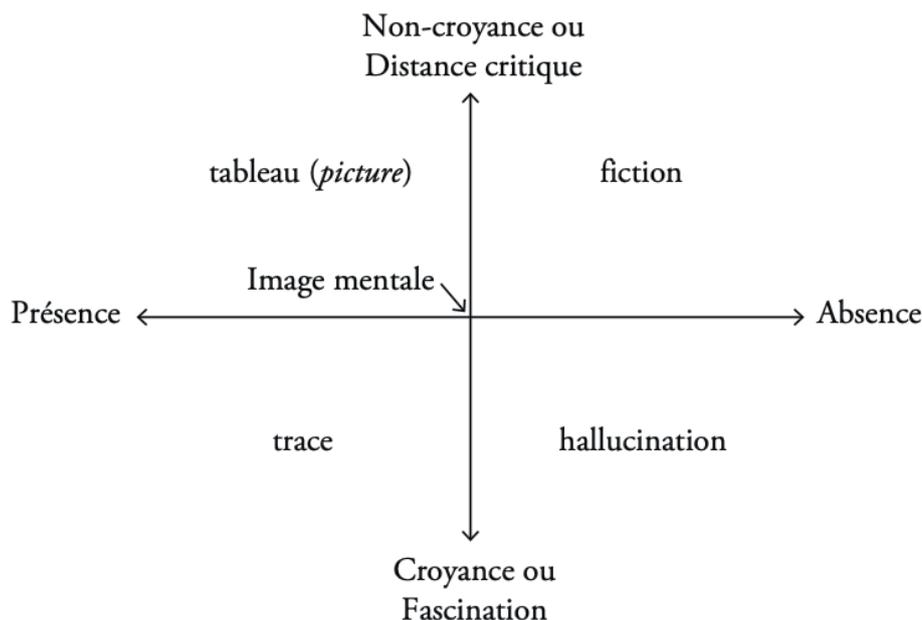
6 Eis a listagem de alguns termos, também encontrada nos “Séminaire de la rue Parmentier (1973-1974)”; em *Lectures* a listagem inicia na p. 22: na língua grega: *eikon*, *eidolon*, *phantasia*; no latim, *imago*; no inglês, *picture*, *fantasy*, *image*; em alemão *Bild*, *Phantasie*, *Einbildungskraft*, *Darstellung* etc. Após listar os termos relacionados à “imagem”, Ricœur afirma que uma análise semântica, começando pela linguagem comum, é uma forma de enfrentar essa variedade. Essa análise, segundo ele, busca desviar-se de uma “gramática ruim”; talvez a “gramática ruim” seja o início de toda investigação.

7 Ricœur (2024, p. 26).

8 Ricœur (2024, p. 27).

do eixo 1) encontramos o uso filosófico da imagem como “rastros” (*trace*) ou resíduo da percepção, isto é, dependente dela. O “rastros” está na parte em que a imaginação é mais reprodutiva. Retrato, cópia, diagrama, as coisas cuja realidade é “valer *por*” pertencem a ele. A ênfase é colocada na substituição. No polo oposto está o uso da imagem em sua função de ausência e de negação do real, nessa parte a imaginação é mais produtiva.⁹ Vejamos o “mapa”:

Fig. 1: Gráfico dos editores do livro



Dessin tracé au tableau par Ricœur
(et issu des notes de cours prises par les éditeurs)

Fonte: Ricœur (2024, p. 35)

Segundo Ricœur, a “imagem mental” é o ponto de equilíbrio entre o “rastros” e a ficção. Naquele rascunho exibido no *Fonds Ricœur* essa imagem já está no centro. Ele afirma que não se pode trabalhar só com o eixo da presença e da ausência: a questão da ilusão (“como se”) nos demanda o eixo ligado à consciência (*awareness*) da separação entre presença e ausência e entre real e irreal. Esse eixo, ele afirma, concerne ao modo de estar engajado no processo de imaginar: “há graus de nosso envolvimento ou comprometimento com a imagem”.¹⁰ As experiências que exemplificam esse eixo subjetivo têm caráter ilusório ou ficcional: na base está a crença sem avaliação crítica, que inclui os sonhos e as confusões entre imagem e realidade.

No topo está a distância crítica e a possibilidade da imagem tornar-se um instrumento de crítica da realidade. Somos remetidos assim novamente à imaginação social e ao exemplo da utopia. Na sequência, Ricœur menciona a capacidade de neutralização do real a partir da tradição fenomenológica (“variação imaginativa”, já explorada em outros textos seus). No quadrante direito superior está a noção de imagem mais relevante para seu propósito de elaborar uma fenomenologia da ficção. Ricœur afirma:

⁹ Ricœur faz menção aqui ao seu curso sobre ideologia e utopia, a conexão é esclarecedora e vale citar: “[...] assim como podemos dizer que a função da utopia na representação da existência social assume a forma de uma recusa da realidade como um todo, o que é possibilitado pela presença de algo outro ao lado ou fora da realidade, aqui igualmente é esse algo mais, esse outro que o real, que constitui o enigma da imagem. Quanto mais a imaginação é produtiva, mais essa função da ausência é acentuada” (Ricœur, 2024, p. 30).

¹⁰ Ricœur (2024, p. 31).

Para mim, as ficções correspondem à verdadeira função da imaginação, pois apresentam elementos tanto de ausência quanto de distância crítica. Podemos dizer, portanto, que o rastro e a ficção são opostos absolutos. Essa preferência pelas ficções decorre obviamente de uma escolha, mas o que me interessa é desenvolver uma teoria da ficção [...]. Aqui, quero apenas convidar-nos a refletir sobre a variação espacial que constitui nosso problema e meramente mapear este espaço.¹¹

É a forma modesta de apresentar seu propósito, pois essa cartografia segundo os eixos propostos e os quadrantes de fenômenos da imaginação diferencia *Lectures* de outros textos de Ricœur. Modesta também em relação à “ficção”, pois ao longo do curso fica claro que essa noção desempenha papel central na sua investigação da imaginação.¹² Terminarei a seção abordando a organização do curso.

Na primeira parte do curso, que aborda a tradição filosófica clássica e moderna, a grande mudança a ser notada é entre as filosofias de Aristóteles, Spinoza e Pascal, e as de Hume e Kant: a concepção de síntese seria a novidade nessas últimas filosofias; é a ideia da imaginação como “mediação” e não mais como “intermediário estático”. A filosofia de Kant é o paradigma dessa “reviravolta” – mais ainda com a ênfase na liberdade a partir da *Crítica da faculdade do juízo*. Jean-Luc Amalric confirma a centralidade da distinção entre imaginação reprodutiva e imaginação produtiva, esta interpretação da filosofia de Kant “[...] governando, do início ao fim, a estratégia argumentativa de *Lectures*”.¹³ Amalric destaca ainda uma distância crítica que Ricœur toma dessa abordagem da imaginação buscando superá-la em prol de uma teoria da ficção nas lições finais. A segunda parte do curso trata de abordagens contemporâneas da imaginação: a tradição analítica (Ryle, Price e Wittgenstein) e a tradição fenomenológica (Husserl e Sartre). Somos alertados pela introdução americana sobre a importância central da comparação entre tais tradições. George H. Taylor afirma que Ricœur constrói o seu argumento em *Lectures* a partir de questões levantadas por essas tradições, o foco estaria na necessidade de refletir sobre a imaginação considerando tanto seu caráter de experiência quanto seu caráter de linguagem. A última parte do curso é, segundo Ricœur, “[...] sua contribuição mais pessoal para uma fenomenologia da ficção”.¹⁴ Na próxima seção analisarei opções de leitura e de conexão entre as partes do curso a partir dos comentários de Taylor e de Amalric, e comentarei brevemente trechos relevantes das lições já destacados por eles.

3 Duas interpretações que se complementam: mais imaginação

A introdução de George H. Taylor é parte fundamental de *Lectures*. É um texto indispensável sobre a investigação da imaginação até quando sumariza interpretações já realizadas em pormenor pelo autor. Não vou resumir seus comentários, mas destacarei pontos em que Taylor busca solução para problemas levantados no curso: a já citada comparação entre os métodos da tradição analítica e os da tradição fenomenológica como sendo o próprio programa de questões que Ricœur consideraria seu.¹⁵ Outro ponto é a menção de Taylor a uma “tensão inexplorada” entre “ver como” (*seeing as*) e “como se” (*as if*). Trata-se

11 Ricœur (2024, p. 34).

12 Conferir a introdução de George H. Taylor (“*L’œuvre et son argument*” na edição francesa): “Para Ricœur, a ficção oferece uma alternativa à realidade existente (à presença) e, portanto, ela é uma forma de imaginação produtiva [...] pode trazer o novo para a realidade porque ela não está vinculada à crença e assim permite ao mesmo tempo uma distância crítica e um ponto de vista inovador a partir do qual considerar a realidade. [...] Ricœur defende que o ‘lugar nenhum’ [*nowhere/nulle part*] da ficção nos permite evitar o modelo da reprodução e trazer algo novo para a realidade (Ricœur, 2024, p. 434-435).

13 Ricœur (2024, p. 478).

14 Ricœur (2024, p. 37).

15 Seriam estas questões: 1) “O que significa ter uma imagem?”. A resposta levaria Ricœur a desenvolver, segundo Taylor, uma concepção de imagem como “lugar nenhum” [*nowhere/nulle part*]; 2) “O que é pensar em imagens?”. Aqui a resposta o levaria a elaborar o modelo da imaginação produtiva como “figuração” (*depiction*) reunindo “criação linguística e visual para produzir algo novo”. Esse modelo, afirma Taylor, diz respeito à imaginação como “obra”, isto é, “como um ato de mediação dinâmica” (p. 461). A questão 3) sobre a diferença entre percepção e imaginação gera a resposta que remete ao “ver como”, fenômeno em que percepção e imaginação se sobreporiam (*overlap*); e que remete ao “aumento icônico”, ambos os fenômenos são relacionados em *Lectures* à inovação e à transfiguração da realidade.

aqui da diferença entre o caráter hipotético do “*as if*” a partir da “variação imaginativa” e da “transfiguração da realidade” que, segundo ele, não é hipotética e já teria ocorrido. Outro ponto é a novidade de *Lectures* abordar a iconicidade da imaginação a partir do “aumento icônico”; a relevância da metáfora para a teoria da ficção almejada ali é outro ponto levantado por Taylor e também por Jean-Luc Amalric.

George H. Taylor destaca o que pode ser considerado como fundamento da proposta da imaginação produtiva enquanto “aumento icônico”: a noção de “figuração” (*depiction*); Ricœur também relacionará “figuração” e “apresentação” (*darstellung*) em *La Mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000). O reenvio para outros textos é algo que Taylor desenvolve em nosso benefício. Por exemplo, uma ligação entre *La métaphore vive*, *Lectures*, e *Lectures on ideology and utopia* que concerne à potência de transfiguração: “[...] as profundas possibilidades de reformular a realidade através de um ‘*ver como*’”.¹⁶ Essa ligação é contrastada com o vocabulário de *Temps et récit* que gira em torno do “*como se*”. Na introdução de Taylor há diversos elementos para compreender a relevância da noção de “figuração” em *Lectures*. A concepção de imaginação proposta ali é apresentada, graças à tal noção, enquanto produtividade visível, ativa, em suma, ela é relacionada à produção de obras.

Na edição francesa temos o texto de Jean-Luc Amalric, “Vers une théorie générale de l'imagination”, também indispensável para a compreensão de *Lectures*. Trata-se de uma defesa que conecta o curso de Chicago ao trabalho filosófico de Ricœur. Sem deixar de apontar limites e questões apenas levantadas ali, Amalric apresenta e aprofunda as polaridades fundamentais que animam a investigação de Ricœur: *picture (tableau)* e ficção, método analítico e método fenomenológico, teoria e *praxis*, sentir e agir, etc. O princípio que rege a sua apresentação é o da possibilidade de uma “teoria unificada da imaginação”. Amalric ajuda ainda ao especificar filósofos centrais na proposta de *Lectures* em conciliar os diversos métodos. Por exemplo, a atenção detida em Sartre ajuda a elucidar a concepção de imaginação produtiva relacionada à noção de “obra” e ao “trabalho” de imaginação. Amalric busca ir além da concepção defendida em *Lectures* ao remetê-la ao “agir humano” e às funções práticas da imaginação.

O texto de Amalric destaca pontos que mencionei a partir da introdução de George H. Taylor, me concentrarei, portanto, em comentar outros pontos ou as diferenças entre os textos (que são visões distintas e complementares). A relevância de *La métaphore vive* para *Lectures* é diferente. Amalric aborda essa relevância, mas enfatiza a “união” ou progressão entre as obras de Ricœur, incluindo a questão da “imaginação semântica” em *Temps et récit*. Outra: Amalric destaca a relevância de Gaston Bachelard para a noção de “imagem poética” desenvolvida no curso. Já a lição dedicada à pintura está nos dois textos, que destacam a sua importância e a sua novidade para a investigação de Ricœur. Amalric indica diversos problemas que *Lectures* nos legou. Ele afirma:

O problema todo é saber se a escolha de abordar o poder criativo da ficção por meio da linguagem poética – e mais particularmente da linguagem da metáfora – deve ser interpretada como um simples desvio metódico que permite uma análise da criatividade a partir do lugar de sua maior legibilidade, ou se ela corresponde a uma tese fundamental sobre a natureza constitutivamente *langagière* da imaginação produtiva.¹⁷

Amalric indica a dificuldade e a importância de ter em mente esse problema. Ele também indica que a lição dedicada à pintura seria uma forma “ao menos parcial” de enfrentá-lo. É uma razão pela qual considero o texto francês explícito sobre a importância da lição: trata-se de um novo lugar para pensar em conjunto a questão da “referência produtiva” e da matriz *langagière* da imaginação.¹⁸

16 Ricœur (2024, p. 469).

17 Ricœur (2024, p. 503-504).

18 Amalric destaca ainda que essa lição é um avanço para abordar a relação entre imaginação e linguagem: “Com esta extensão da problemática da ‘referência produtiva’ à pintura, é evidente que a questão das relações entre linguagem e imaginação produtiva é colocada em novos termos. [...] Na Lição 17, a pintura é então analisada como um exemplo privilegiado para mostrar que a ficção opera nas artes plásticas e que ela exerce

Relacionar a teoria da ficção almejada em *Lectures* à antropologia filosófica que Ricœur buscou desenvolver em sua obra é outro destaque do texto francês. Amalric apresenta a “função dinâmica e prática” da imaginação como parte do “projeto geral” dessa antropologia. As funções ligadas ao discurso, ao texto ou à representação seriam os primeiros momentos de um projeto que pretenderia “pensar o poder produtivo da imaginação como uma mediação fundamental entre o discurso e a ação”.¹⁹ A concepção de imaginação como “função geral do possível prático” é uma proposta de Amalric a partir daquela antropologia. Por outro lado, ao remetê-la às noções de “referência produtiva” e de “aumento icônico” Amalric recoloca a trilha da ficção diante de nós: é a que toma a lição 17 como reflexão que não limita a produtividade da imaginação ao seu caráter linguístico ou textual.

Ainda sobre a questão dos limites da imaginação “verbal” ou “semântica”, Amalric nos propõe retornar ao fundo simbólico da imaginação e à interpretação de Ricœur da “*fantaisie*” a partir de Freud. Essas propostas dizem respeito ao caráter incontornável da linguagem para a hermenêutica de Ricœur. Nesse sentido, avançar ou recuar testando os limites do aspecto verbal da imaginação traz algo de novo a partir dessa hermenêutica. Mais uma vez, é a trilha da ficção na qual a “referência produtiva” desempenha a função heurística maior para a compreensão de *Lectures*. Entre os vários caminhos de leitura que Amalric nos oferece, este que liga a noção de “referência produtiva” à de “obra” e de “trabalho” é especialmente generoso. Ele afirma:

[...] a insistência de Ricœur na noção de *trabalho criativo* e na noção de *obra* como objetivação – numa matéria trabalhada [*œuvrée*] – do trabalho ficcional da imaginação produtiva parece-nos tão importante quanto sua insistência nas conexões entre imaginação produtiva e linguagem.²⁰

Ao atentar às lições que Ricœur dedicou a Sartre, sobretudo a lição 15, Amalric também ajuda a elucidar a análise da relação entre a imaginação produtiva e suas obras, isto é, o “trabalho” de imaginação. Não se trata só da recusa de Ricœur em analisar “imagens isoladas”, preferindo a noção de “obra” (opção que defende nas lições 8, 10 e 12). Amalric destaca a distância crítica contraposta à imaginação “fascinada” do de Sartre.

É relevante o alerta de Ricœur, aqui recuperado por Amalric, de que “[...] jamais temos acesso direto à produtividade da imaginação, e que é sempre a partir de obras e de produções humanas que podemos indiretamente nos reapropriar do poder criativo da imaginação”.²¹ Também relevante é o conselho que Amalric dá no complemento da nota 60: se Ricœur desde o início de sua obra nunca parou de buscar desenvolver uma teoria geral da imaginação então “a tarefa do intérprete é reapropriar-se pacientemente de cada estágio desse desenvolvimento”.²² Outros pontos podem ser destacados da introdução de Taylor e do artigo de Amalric, porém a seleção cobre razoavelmente o que cada um destacou como pontos fundamentais de *Lectures*. Há vieses na seleção e os textos cruzam-se várias vezes, as ênfase nos pontos selecionados é que difere.²³

também aí seu poder de remodelar, refigurar e transfigurar a realidade (p. 500); “A Lição 17 representa um enriquecimento essencial da teoria da imaginação produtiva de Ricœur, mesmo que ela venha consideravelmente complicar a questão da correlação entre imaginação produtiva e linguagem” (p. 504).

19 Ricœur (2024, p. 508).

20 Ricœur (2024, p. 513-514).

21 Ricœur (2024, p. 515).

22 Ricœur (2024, p. 520).

23 Um caso interessante é a referência a Merleau-Ponty. Taylor lamenta que Ricœur não tenha cumprido a promessa de analisar seus textos. Eis a promessa: “[...] o ver como representa sem dúvida uma boa pista para repensar o que significa imaginar. Em seguida, eu compararei a abordagem de Wittgenstein com a de Merleau-Ponty em seus trabalhos sobre Paul Cézanne e em *L'œil et l'esprit*: nestes textos, de fato, a representação da realidade através do desenho, pintura, gravura, etc. nos fornece uma boa base para reorientar e reestruturar o problema da relação entre imagem e percepção, trabalhando conjuntamente sobre os dois termos” (Ricœur, 2024, p. 139-140). Taylor afirma que a longa análise de Sartre seria a razão de Ricœur abandonar a promessa, e que temas desenvolvidos depois a partir de F. Dagobnet seriam relevantes para a análise de Merleau-Ponty. Jean-Luc Amalric também lamenta a promessa não cumprida, mas ao abordar as referências a Merleau-Ponty em *Lectures* ele remete à frase de Ricœur sobre uma “ontologia da ficção”. Segundo Amalric, a frase poderia ser lida como uma crítica à “ontologia delineada por Merleau-

O objetivo desta seção foi apresentar os comentários de dois especialistas dedicados ao tema da imaginação a partir e além de Paul Ricœur. Na próxima seção explicito minha primeira interpretação de *Lectures*. Aqui não é o espaço para aprofundar a interpretação iniciada durante o meu doutorado a partir de uma versão prévia do texto agora publicado. Sei, porém, que teria sido muito útil ter à minha disposição os textos das edições de *Lectures*, trata-se de um material que permitirá compreender e ampliar o curso que compõe o livro.

4 A imaginação produtiva “em obra”: mais imaginação e mais figuração

Se a publicação de *Lectures* torna explícito que a “imaginação” é o fio condutor da filosofia de Ricœur, como disse Michaël Foessel,²⁴ algo tão interessante quanto a explicitação chega até nós por meio da publicação: Ricœur utiliza obras de arte visual como exemplo da produtividade e criatividade da imaginação. Essa abertura à estética indica a expansão de sua investigação sobre a imaginação a partir deste curso em Chicago. Em outros textos encontramos breves análises sobre artistas e obras visuais, mas a exemplificação e a novidade da história da pintura conectam a análise do curso, a teoria almejada, às obras visuais.²⁵ É assim na análise de pinturas de paisagem a partir de Constable (lição 18).²⁶ Antes desse exemplo há a novidade relevante do curso na lição 16: a dialética entre inovação e “figuração” (*depiction*). Quando Ricœur relaciona a noção de “figuração” ao “sonho” temos esta surpreendente afirmação:

Assim como Freud nos ensinou que há resíduos diurnos no sonho, na imagem poética também há resíduos diurnos e talvez até resíduos do sonho. O que importa aqui não é a sua presença, mas sim a sua implicação no processo da inovação semântica. Estamos lidando, assim, com uma dialética entre inovação e figuração [*depiction*].²⁷

As noções de dialética apresentadas por ele merecem todo cuidado. Essas noções se modificam ao longo do seu trabalho e recebem descrições que nos mostram o que ele pretendia desenvolver a partir dessa ou daquela dialética.

Ricœur às vezes propõe dialéticas a partir de figuras, por exemplo, a do “círculo”, a da “espiral” (figuras que Amalric comenta no seu texto). A “espiral” é a resolução, por assim dizer, da dialética proposta em *Lectures on ideology and utopia*, permitindo ao menos contornar uma circularidade inerente à ideologia e à utopia. Nesse sentido, essa figura não visa apenas explicar, vai além do caráter heurístico. Ricœur às vezes propõe dialéticas a partir da imagem metódica do caminho: “via longa” ou “via curta”; e variando a imagem, a dialética entre “pertencimento” e “distanciação” que encerra *La métaphore vive*.²⁸ A dialética entre inovação e “figuração” me parece singular em razão da atenuação de aspectos reprodutivos, até regressivos, de outras dialéticas propostas por ele. Como se fosse a dialética na qual o aspecto produtivo e de inovação é o protagonista, o lado forte. A dialética entre inovação e sedimentação

Ponty em *Le Visible et l'invisible*” (Ricœur, 2024, p. 518). Amalric aborda ainda limitações dessa ontologia em relação à ficção (“não envolve um ato crítico de negação ou de néantisation”), e suas diferenças da “ontologia paradoxal da ficção reivindicada por Ricœur [que] pressupõe um eu que age, sofre, é capaz e responsável [...]” (Ricœur, 2024, p. 519).

24 Cf. a entrevista de Michaël Foessel a Pierre-Édouard Deldique no programa de rádio “Idées” (26/05/2024). Link: <https://rfi.my/AdR8>.

25 Objeções podem ser levantadas aqui: *Architecture et narrativité* (2016), no qual a noção de “mise en intrigue” própria à narrativa é relacionada ao “ato de construir” em arquitetura; *The Function of Fiction in Shaping Reality*, no qual há breve referência à história da pintura. *Lectures* nos fornece, porém, a análise mais completa sobre a pintura e sua relação com a produtividade da imaginação.

26 Ricœur (2024, p. 379-380).

27 Ricœur (2024, p. 341).

28 Cf. Marc-Antoine Vallée: “Um fato importante a se notar é que a oposição fundamental entre via curta e via longa não aparece mais [em 1975]. Isso não pode evidentemente ser interpretado como uma reorientação do projeto hermenêutico de Ricœur, cujos trabalhos posteriores testemunham que ele de fato seguiu sua ‘via longa’ até o fim. No entanto, importa notar que a oposição entre via curta e via longa será substituída durante os anos 1970 pela dialética entre pertencimento e distanciação” (Vallée, 2012, p. 185).

proposta em *Temps et récit* é um exemplo que tenho mente de caráter regressivo ou reprodutivo. A partir disso pode-se pensar a diferença entre dialéticas próprias à metáfora e próprias aos gêneros narrativos. A função de fornecer regras para a experimentação ulterior é própria da sedimentação (enquanto critério para inovação).²⁹

Se o aspecto reprodutivo não poderia ser totalmente afastado, pois ele também remete à nossa identidade e nosso “pertencimento”, na dialética própria à ficção a inovação é enfatizada a partir de um fundamento visual (“aumento icônico”, “figuração” em obra). Ao longo dos anos 1970, Ricœur propôs a teoria da imaginação produtiva baseada na transição da *picture (tableau)* à ficção. Por mais noções que a teoria mobilize, a “referência produtiva” é o seu critério. Utilizá-lo para refletir sobre as possibilidades da imaginação é o objetivo dessas lições. O ponto crucial e novidade da reflexão, a meu ver, é a “dimensão figurativa (*pictorial*) da referência”. Se agora considerarmos as obras de arte como uma “referência produtiva” que transforma nossa maneira de ver ao revelar aspectos da realidade antes despercebidos, sua teoria da interpretação é de fato ampliada.

5 Considerações finais

A investigação filosófica sobre o tema da imaginação mudou desde que Ricœur almejava uma teoria da imaginação produtiva em *Lectures* e em outros textos do período.³⁰ A primeira questão que a publicação do curso nos coloca é esta: como enfrentará o desafio de relevância ao ser lido noutro contexto e de ser ainda um ponto de partida para a teoria almejada por Ricœur? Não saberemos tão brevemente a resposta, mas pode-se esperar diversos trabalhos em torno da teoria que ele almejou.³¹

A conexão entre os cursos que Ricœur realizou em Chicago sobre o tema da imaginação, já destacada por Jean-Luc Amalric e por George H. Taylor nos textos da publicação e nos seus próprios trabalhos, sugere um desvio que vale percorrer nos cursos: uma noção de obra de arte como “anti-poder” (lição 19). Por meio do paralelo entre o apelo à desordem no campo da arte e no campo do imaginário social, Ricœur nos sugere uma produção da imaginação por meio da arte utópica. *Lectures* será de grande auxílio para compreender os diversos percursos da longa investigação de Ricœur sobre a imaginação. E ninguém é obrigado a ir além da compreensão desses percursos, tarefa que já demanda trabalho e satisfação, mas o desejo de continuá-los a partir de *Lectures* não será em vão.

Referências

AMALRIC, Jean-Luc. L’imagination poétique-pratique dans l’identité narrative. *Études ricœuriennes/Ricœur studies*, v. 3, n. 2, p. 110-127, 2012. <https://doi.org/10.5195/errs.2012.130>

AMALRIC, Jean-Luc. *Paul Ricœur, l’imagination vive: une genèse de la philosophie ricœurienne de l’imagination*. Paris: Éditions Hermann, 2013.

29 Cf.: “Essas regras mudam sob a pressão de novas invenções, mas mudam lentamente e até resistem à mudança, devido ao próprio processo de sedimentação. [...] a inovação é uma conduta governada por regras: o trabalho da imaginação não surge do nada. Liga-se de uma maneira ou de outra aos paradigmas da tradição” (Ricœur, 2010, p. 121).

30 No final do seu texto, *Vers une théorie générale de l’imagination*, Amalric destaca mudanças sobre o tema da imaginação em diversas áreas de investigação e questiona: “[...] até poderíamos nos perguntar se não estamos testemunhando hoje o surgimento de uma verdadeira reviravolta imaginativa nas ciências e na filosofia” (Amalric, 2012, p. 519). Taylor começa a sua introdução destacando o caráter contextual da crítica de Ricœur às investigações atuais (anos 1970) sobre o tema da imaginação.

31 Talvez não demore. A edição de maio de 2024 da revista *Esprit*, cujo título é *Paul Ricœur: les pouvoirs de l’imagination* trouxe um dossiê organizado por Azadeh Thiriez-Arjangi, que destaca justamente a importância da teoria da ficção de Ricœur em *Lectures*. Link: <https://esprit.presse.fr/tous-les-numeros/paul-ricoeur-les-pouvoirs-de-l-imagination/930> Além disso, a quinta edição do *International Journal of Social Imaginaries*, publicada em março passado, celebra em seu editorial a publicação de *Lectures* e traz artigos de George H. Taylor, Saulius Geniusas e Ka-yu Hui sobre o tema da imaginação produtiva na filosofia.

- AMALRIC, Jean-Luc. D'une convergence remarquable entre phénoménologie et philosophie analytique: la lecture ricœurienne des thèses de Sartre et Ryle sur l'imagination. *Études Ricœuriennes/Ricœur Studies*, v. 5, n. 1, p. 82-94, 2014. <https://doi.org/10.5195/errs.2014.221>
- AMALRIC, Jean-Luc. Símbolo, metáfora e narrativa: o estatuto do ficcional em Ricœur. In: WU, R.; NASCIMENTO, C. R. (org.). *Pensar Ricœur: vida e narração*. Porto Alegre: Clarinete, 2016. p. 131-167.
- RICŒUR, Paul. *La Métaphore Vive*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- RICŒUR, Paul. The Function of Fiction in Shaping Reality. *Man and World* v. 12, n. 2, p. 123-141, 1979. <https://doi.org/10.1007/BF01252461>
- RICŒUR, Paul. *Temps et récit*. Tome III. Le temps raconté. Paris: Seuil, 1985.
- RICŒUR, Paul. *Lectures on ideology and utopia*. New York: Columbia University Press, 1986.
- RICŒUR, Paul. *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- RICŒUR, Paul. *Tempo e Narrativa I: a intriga e a narrativa histórica*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- RICŒUR, Paul. Cinco lições: da linguagem à imagem. *Sapere Aude*, v. 4, n. 8, p. 13-36, 2013.
- RICŒUR, Paul. Architecture et Narrativité. *Études Ricœuriennes/Ricœur Studies*, v. 7, n. 2, p. 20-30, 2016. <https://doi.org/10.5195/errs.2016.377>
- RICŒUR, Paul. *Lectures on imagination*. Edited by George H. Taylor, Robert D. Sweeney, Jean-Luc Amalric, and Patrick F. Crosby. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2024.
- RICŒUR, Paul. *L'imagination*. Cours à l'Université de Chicago (1975). Édition établie par George H. Taylor, Robert D. Sweeney, Jean-Luc Amalric et Patrick F. Crosby. Traduit de l'anglais par Jean-Luc Amalric. Paris: Éditions du Seuil, 2024.
- SANFELICE, Vinicius Oliveira. A Bigger Splash to the Narrative. *Études Ricœuriennes/Ricœur Studies*, v. 9, n. 1, p. 90-107, 2018. <https://doi.org/10.5195/errs.2018.360>
- SANFELICE, Vinicius Oliveira. L'œuvre de la métaphoricité chez Paul Ricœur: entre "esthétique" et "figurabilité" psychanalytique. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 75, n. 4, p. 2329-2344, 2019. https://doi.org/10.17990/RPF/2019_75_4_2329
- SANFELICE, Vinicius Oliveira. *Metaforicidade e figuração estética em Paul Ricœur*. 2021. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Link: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1162386>
- TAYLOR, George H. Ricœur's Philosophy of Imagination. *Journal of French Philosophy*, v. 16, n. 1-2, p. 93-104, 2006. <https://doi.org/10.5195/jffp.2006.186>
- TAYLOR, George H. The Phenomenological Contributions of Ricœur's Philosophy of Imagination. *Social Imaginaries*, v. 1, n. 2, p. 13-31, 2015. <https://doi.org/10.5840/si20151214>
- TAYLOR, George H. Delineating Ricœur's concept of utopia. *Social Imaginaries*, v. 3, n. 1, p. 41-60, 2017. <https://doi.org/10.5840/si2017313>
- TAYLOR, George H. The deeper significance of Ricœur's philosophy of productive imagination: the role of figuration. In: GENIUSAS, Saulius; NIKULIN, Dmitri (ed.). *Productive imagination: its history, meaning, and significance*. Lanham: Rowman & Littlefield International, 2018. p. 157-181.
- TAYLOR, George H. The Depth Dimension of Ricœur's Philosophy of Imagination. *Social Imaginaries*, v. 3, p. 5-30, 2024. <https://doi.org/10.1163/27727866-bja00035>
- VALLÉE, Marc-Antoine. *Gadamer et Ricœur: la conception herméneutique du langage*. Rennes: PUF, 2012.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e66222>